PARTE II**POESIAS****O batizado da cidade morena**

Houve uma festa enorme
no batizado da cidade recém-nascida.
Na catedral verde da mata,
toda enfeitada de festões e cipoais,
o padrinho foi o primeiro a chegar.
Era um bandeirante ousado e façanhudo,
um comedor de terra,
um come-léguas,
um Chico vira-mundo.
Entrou com facão abre-picada
e, sem dar satisfação,
meteu as botas pela nave tapetada de musgo.

Lá fora
no átrio da igreja de esperança
– capim fino, dormideiras, maravilhas brancas e vermelhas, juás...
tudo que é planta e flor
transformou-se em tapete em demandada da pia batismal!

O bandeirante façanhudo
carranca carregada,
barba negrejante,
subiu a serra
e parecia que o coração aos saltos lhe saía pela boca.
Lá em cima nos corcovos da terra,
a serra descia e subia e voltava e sumia,
brincando de esconde-esconde com o sol.
O bandeirante parou extasiado e,

respeitoso, fez o Sinal da Cruz.

Depois, conclamando as gentes pra festança,
disparou um violento tiro de arcabuz.

A serra inteira incendiou-se de luz...

Veio o padre,
seu vigário

todo de preto,

mas alegre e brincalhão.

Parece que este homem tem um sol no coração.

Bem se vê que ele é destemido,

destorcido,

capaz de enfrentar o saci, o curupira

e até assombração!

Cruz-credo!

Este homem não tem medo de mula sem cabeça...

Este homem dá risada da caapora e

da magia dos pajés.

Este homem

– parece mentira –

na terra de Tupã plantou uma capelinha.

Uma capelinha que diante da serra é tão pequenina,

miudinha...

assim, deste tamanho...

Mais parece uma casa de boneca essa capela.

Mas essa capela tão pequena,

com seu sino espevitado,

desafinado,

marcou o destino da terra que nasceu:

a marca da alegria e da bondade

que os sinos de Deus imprimem na vida,

nos homens,

nos povos,

nas cidades...

E seu vigário jesuíta

trouxe coroinhas cor de cobre
uns tapuias que moravam por ali.
Na catedral verde da mata,
os picos da serra eram torres apontando o Infinito!

Um artista consumado,
o vento sul
vento andejo
moleque endiabrado,
independente como ele só,
altivo como não há outro,
ajeitou a ondulante cabeleira de maestro
e depois,
com a batuta das palmeiras
vaidosas,
esperançosas,
altaneiras,
preludiu a “Glória” na ramagem da floresta.

Era o início da festa!

O bandeirante chegou desajeitado,
carregando nos braços possantes um corpo franzino de menina.
Um corpo moreno
vestido do azul do céu
e do branco das nuvens.
O padre tirou do Lavapés a água lustral
para o batismo da cidade.
E enquanto falava com Deus numa língua desconhecida,
tomou o óleo louro do sol
e com ele traçou no corpo moreno da terra o Sinal da Cruz!
Depois,
num gesto altivo e nobre,
levantou a voz e proclamou:
“Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo,

eu te batizo, Botucatu.”

Pelas quebradas, pelos vales, pelas grotas,
 pelas picadas da serra,
 na paz das solidões e das malocas,
 o eco repetiu o nome batismal!
 Acordaram as tribos maldormidas...
 Repetia a natureza comovida:
 este nome tem um gosto de cantiga,
 este nome simboliza um fanal.

Depois,
 a festança de fazer água na boca,
 o Lavapés alcoviteiro,
 Novidadeiro,
 perdendo a languidez saiu aos pulos e aos pinotes
 contando umas coisas que ele ouviu.
 Umás coisas que não entendeu muito bem,
 umas coisas esquisitas,
 uns pensamentos, umas profecias
 saídos da boca do seu vigário jesuíta.

No ocaso o sol se punha.
 O jesuíta olhou a paisagem ensangüentada do sol
 e, erguendo o braço, apontou a distância.
 E ali de púlpito telúrico
 para as aves, para as plantas, para os bichos, para o bandeirante,
 pronunciou o seu sermão:
 — Esta cidade, meus irmãos, um dia
 será nossa esperança, como já é nossa alegria.
 Do Lavapés ao ribeirão Tanquinho,
 do Capivara ao Tietê, ao Pardo e ao Paranapanema,
 pela terra onde zunem flechas,
 por onde andejam as tribos erradias
 do Iguatemi ao Ivinhema
 hás de impor-se o nome de Ibitucatu!

Nome, mensageiro de amor,
mensageiro de fé,
mensageiro de paz,
um nome que há de ser um símbolo
para dar ao amigo um abraço,
para dar à criança um regaço,
para fechar os do que morre,
para rezar sobre a campa uma oração.

Para dar ao inimigo o seu perdão!

Botucatu será maior que todas as cidades,
de todos os tempos, de todos os continentes,
de todas as idades!
Nessa avaliação, não importa a riqueza, nem tamanho.
O que importa é ter nobreza e coração,
ser trabalhador, honesto e cristão!
E Botucatu o será!
Na sua majestade sobre a sua serrania,
ela mesma confessará um dia:
Acima de mim, olhai vós todos,
acima de mim somente existe
a cidade de Deus,
o Deus que me criou!

Botucatu, 26 de maio de 1955

Sonho

Batida de sol, sobre as ondas calmas
no p3rtico esplendor de um sonho antigo,
na esgalga silhueta que se espalma
bem de mansinho pelo rio amigo,
aquela barca 3 como todas as almas
na busca insana de um sincero abrigo,
ou de um recanto onde frondeja a calma
para sentir um bem que traz consigo!
Balou3a alegremente em abandono,
sente a car3cia leve desse sono
de que recorda uma car3cia 3xule!

Lembra-se, ainda, dos tempos passados,
quando levava, em sonho, os namorados
nas ondas meigas do Dan3bio Azul!

Botucatu, 1941

Saudade

Saudade,
saudade louca,
saudade que fecha a boca
num doce beijo de amor!
Saudade,
saudade minha,
ave que n'alma se aninha
no ninho morno de minh'alma em flor!

Botucatu, 1938

Encantamento

“...tacendo il nome di questa gentilissimo...”

Dante

Sussurra sobre a terra em tons amenos
a brisa celestial que bem de leve passa
e agita carinhosa as flébeis hastes
com carinho angélico e mágica doçura,
que na carícia existe tanta graça
e no sussurro uma alegria pura.

Cada flor do meu jardim é um coração
sorvendo ansioso as gotas de luar.
E em líricas baladas se expandem pelos
perfumes sutis, que, assim dispersos,
relembra deusas cantando em harmonia,
evocam fadas a compor mil versos...

Na rosa do jardim eu vi sua face
e sua alma no lírio penitente.

E embora ao céu sempre me alce
meu coração é um amante indiferente.

Foi você quem dominou meu coração!

Botucatu, 1939

Cascatas de sons

Como um incenso que das almas se evolasse
uma carícia sonora, delgada como um véu
de leve se insinua na mansão do Paraíso.
Na inconstância do som, a inconstância do riso;
No dulçor da harmonia, a beleza de um céu
e no langor dos acordes, o rubor de uma face.

Deus se queda a ouvir o cascatear sonoro
e de manso indaga quem, naquele instante,
chorava no espaço lágrimas de harmonia.
Um anjo, num tagarelar canoro,
numa atitude ingênua e elegante
ao ouvido do Senhor, trêfego cicia:

“Senhor, essa música estranha e peregrina
que se espalma graciosa como o aroma
de uma flor divina
é golfada de místicos perfumes
das felizes almas jovens que se exaurem em queixumes.
Que transbordam da alma jovem da mocidade.
É a música do amor, é a melodia da vida,
é a arte na sua manifestação mais bela
que se resume num esplendor de uma prece singela
e se alcandora num cintilar de uma lágrima comovida!”
Na escala,
uma voz clara
exala e resvala
um solo que se alteia
e se incendia
no durar de uma tímida colcheia.

Depois, os sons se avolumam,

as vozes se enlaçam
e vibram... e espumam...
e dançarinam de leve...
E em leves meneios,
contendo os anseios
Serenos, se abraçam.

Há tanta beleza nesse cantar!
(parece que eu vejo fadas amigas
cantando cantigas à luz do luar)

A graça que se eleva possui a formosura
da música insinuante das alturas.

Parece que os querubins,
tangendo as harpas divinais,
desceram à terra
e compõem para Deus uma serenata de amor!

Parece que são deuses a desfazerem-se em ais!

Senhor!
Ouve que maravilha
nessa melodia transcendental,
mais ágil que a brisa
e mais leve que a pluma.

Que beleza na vertigem de luz
que se asfixia na transparência do cristal
e na doçura do amor que suaviza.
Esse conjunto que airoso canta
é, para teu orgulho de artista,
um conjunto que alto se suplanta.
é o orfeão normalista!

Botucatu, 2 de outubro de 1939

Primavera

O sol cansado reclina no coxim dos montes.
A dúbia claridade de ouro fosca
doura a tela no horizonte.

Sobre o esquife do sol, de vermelho carmesim,
a noite se abate em ondas de nanquim.

Há na terra o vago encantamento
de tudo que atrai;
da folha trêmula que cai
e iludida, talvez,
se entrega ao vento.

Os vagalumes são estrelas na terra.
As estrelas são flores no firmamento;
são sonâmbulas amantes sonhando ao relento.
Para elas, é místico sonhar.
E quando se enfastiam,
se despem displicentes
do manto das nuvens alvinitentes
e se reclinam frouxas num raio de luar.

Há em tudo o mistério que se sente.
O gesto irrefletido do lírio penitente
pedindo ao céu a meiga luz de prata
da lua, que fere a alma e a alma mata
em contorções violentas.
Pelo espaço
o cicio das vozes veladas
vagando errantes na imensidão

da noite sonolenta.

E na alucinação daquela noite
senti, de uns olhos, o vergastar de
açoites.

Tive na grandiosa pequenez de um
segundo
a felicidade toda que há no mundo!

Minha alma vibrou sonante num arpejo
e eu senti florir dentro de mim
a primavera da vida na doce floração de um beijo.

Botucatu, 1938

Cromo

Hora de sol, de luz, no quente meio-dia
e no jardim, à sombra, que grande calmaria!

E que carícia leve no vaivém de gente...
E que alegria sã a minha alma sente...

Na sombra da calçada, em trejeitos leves
passa sorrindo, amor um “bibelot” de Sevrés

E eu sinto no branco e azul em minha vista
o vulto airoso de uma bela normalista!

Botucatu, 1939

Velha palmeira

Velha palmeira...
Augusta e moribunda...
Os braços em completo desalento,
o corpo enegrecido
refletem a canseira
de teu tronco velho, afeito às lutas, ao relento.

Não és mais a mesma de outrora!
Não és mais aquela Uíara Verde,
a Eva Pagã
que na licenciosidade da campina imensa
sentiu os afagos do sol,
as carícias da brisa
e as palavras de mel das parasitas
que sentia uma vertigem ao prender teu corpo virgem
na infinita sensação de um abraço.

Não és mais a mulher de olhos esquivos e lábios de mormaço.
Servil e escrava tua
a campina aos teus pés prostrava-se em oração
e a ti fazia a oferenda de mil flores.
Dominado e vencido,
o céu se descobria diante de tua silhueta esgalga e insinuante
e coroava a tua fronte verde altaneira
e com um cocar de estrelas...
E tu, vaidosa e feminina,
ouviste todas as confissões de amores,
e pela boca do vento gargalhaste em alegria
no jogo de uma sensação que mota, que extermina.

E quando as outras árvores
ardendo enciumadas se olhavam desoladas,
tu,

com os flébis braços das brisas serenas,
jogava para trás a cabeleira insinuante
e com olhar altivo,
o gesto nobre,
o corpo esbelto,
eras, no palácio encantado da campina, a única soberana...

E quando a tarde morna
cantava pausadamente numa loa de alegria,
avistando pelo chegar da noite...
E a lua sensível e pudorosa
cobria o rosto imenso com uma renda de nuvens
para não se tornar o confidente de teus amores...
das tuas aventuras...
E semidesmaiada
acordavas estremunhando aos beijos da madrugada cor-de-rosa!

Hoje, que és?
no corpo velho encarquilhado
uns gestos de nobreza, uns laivos de arrogância...
dos antigos esplendores nada resta...

Velha palmeira
doentia e alquebrada...
Ao ver-te assim na campina imensa
eu bem suponho que no verde mar das esperanças
não és mais que um medonho,
um doloroso espectro de um sonho!

Partida

Quando o comboio partiu arfando
num ruído de guinchos e gritos,
na atitude de quem fica orando,
contemplei os trilhos insensíveis
que pareciam duas lágrimas sinceras
correndo pelo rosto sofredor da terra

Porém, ninguém percebeu
que um comboio
partiu arfando nos trilhos do Destino.

Era meu coração, que, em ansiedade,
na paisagem da minha vida,
soluçando, ia vertendo em desatino
duas lágrimas roxas de saudade!

Botucatu, 13 de junho de 1939

Paradoxo

Naquela tepidez da hora calma
eu divisei no teu sorriso de Mulher,
todo encanto e alegria de tu'alma...

Hoje, nas solidões de horas amenas,
o coração dedilha uma canção qualquer,
chorando mágoas e agasalhando penas...

Ontem – no sorrir a apoteose da beleza!
Hoje – no lembrar, o exaltar de uma tristeza.

Botucatu, 1939

Toada da minha rua*À Mimi e Binoca*

Curuzu,
minha rua,
minha amiga,
inda hoje ouço a cantiga
que evola do teu passado.

Rua descalça de outrora,
que se enfeitava radiante
e com arcos de bambus abraçados,
e com folhagens de árvores pelo chão,
e com enfeites vistosos nas janelas das casas,
e com bandeirinhas multicores de papel,
esperavas faceira a passagem da procissão
do São Benedito,
o único Santo do céu
que te fazias visita.

Rua gostosa dos dias de chuva.
Rua bendita dos dias de sol.
Rua calada das noites de luar.

Brincadeiras de meninos barulhentos
que imitavam vaqueiros,
brincavam de barra,
e soldado ladrão.
E nas calçadas
as meninas jogavam peteca,
faziam casinhas,
e pulavam “amarelinha” no chão.

Antiga Rua das Flores
a rua mais botocuda de toda Botucatu.

Curuzu,
minha rua heróica,
postada na frente de todas as ruas
nordeste a marcha rumo ao Progresso.

E ficaste de lado
com a medalha de glória no peito de anos
admirando a cidade que crescia.

Um dia,
em nome da civilização, homens robustos
calçaram teus pés com pedras diversas
para que ficasse igual às outras ruas.

E continuaste a ser a mesma rua dos dias de antanho.

Curuzu,
minha rua amiga,
que me embalaste em criança
no leito de tua vida
e cantaste ao meu ouvido a canção do teu passado.

Curuzu,
minha rua
minha amiga
quanta saudade eu sinto
quando me lembro de ti!

Botucatu, 1939

Isabel

Isabel!

Misto de amor, de sonho,
que passa de leve na estrada da vida sorrindo
o sorriso meiguice de alegre esplendor.

Isabel!

Que deixa nos lábios a cor de um sorriso,
que veio do céu;
os olhos tão vivos
são lindos, sinceros,
escondidos, medrosos
no véu dos cílios longos...

Os olhos relembram amantes em exílio cruel!

Isabel!

De nome formoso que sabe a um mel;
menina-senhora
que passa de leve
trazendo nas faces as cortes da aurora!
O riso que espouca
fluente, cantante, sonoro...
É um riso que bole
com a alma da gente!

Da gente que pensa o que sente,
o encanto perene,
de um vulto sinuoso
sumindo bem longe,
deixando na estrada
um rastro de amor.

Botucatu, 23 de março de 1941

Nos teus campos, no rio...*A Silvio de Oliveira e Silva*

Tu que vives a vida verdadeira, a vida
na solitária paz de interminos candores.
Ao verde anseio dos silêncios redentores
tu tens a alma de bondade enriquecida.

Nos teus campos, no rio, nos pássaros, nas flores,
tens uma bíblia de beleza resumida,
que te ensinas o evangelho simples de esplendor
ao livrar o homem das visões empedernidas.

No tange dessas carpas que se agitam vivas,
ao triste balouçar de extensos bambuais,
no risonho alpendre onde há pássaros cantando, é bem melhor sentir a vida que se esquiva,
onde não há perfume de verdes cafezais,
onde não passa um rio ligeiro marulhando...

Botucatu, 20 de dezembro de 1941

Súplica

Vem de leve, pisando de mansinho,
e não acordes minh'alma sonhadora!
Deixa que a vida gire em torvelinho,
deixa amar, minha estrela redentora!

Deixa que o céu se faça de carinho,
e em nada exista a força sofredora!
Seja de luz, o meu e o teu caminho,
e a nossa vida, estrada promissora!

Viva escultura em alabastro antigo,
de ti eu não me esqueço um só instante
e louvo o céu, o amor e me bendigo
por seres o meu sonho rosicler!
Vem logo, ó minha bela e meiga amante.
Oh! Tu que és sonho na forma de Mulher!

Botucatu, 1939

Saudade I*A Francisco Marins*

Os pingos dessa chuva fria
que fere a calçada esguia
e se insinuam ligeiros
pela escuridão dos bueiros
são as lágrimas sentidas
daquelas nuvens citadas
que vivem sempre magoadas,
chorando muito em segredo
um sonho morto bem cedo.

Saudade nuvem errante
lá no céu de algum amante

E depois que a chuva cai
e toda a água se esvai,
paira na terra à-toa
e leva a fluida garoa.
Garoa que traz em seu véu
o pranto que vem do céu.
Um pranto que oculta e enlaça
o vulto de alguém que passa.

Saudade, garoa do céu
amor envolto num véu.
Garoa, saudade em crepe
de história que não se repete.

E quando as trevas escuras
adejam livres nas ruas,
a alma triste eremita
reza uma prece contrita
(e os sinos dobram tristonhos,

sonhando os últimos sonhos).

Saudade, dobras de sinos
na Igreja do meu destino.
Saudade, voz de alegria
dos sinos na Ave-Maria

Saudade, mágoa tristonha
de um coração que inda sonha.
Saudade, flor fenecida
numa janela esquecida.
Saudade, canção de amores
sorrindo em lábios de flores.
Perfume que viaja no ar
e faz a gente sonhar...
Perfume sutil e vago
trazendo um doce afago
e saudade meiga e pungente
brincando co'a vida da gente...

Saudade, estrela brilhante
brilhando num céu distante.
Saudade, triste gemido
das ilusões nesta vida.
Saudade, chuva que cai.
Saudade, ilusão que se vai.

Botucatu, 1938

Santa cruz de Ana Rosa

Num dia de antanho
a gente da vila
sentira no corpo o frio do arrepio
de um crime cruel!

Morrera Ana Rosa
a morena trigueira,
a dona faceira
de um corpo sinuoso
e de faces de rosa e de lábios de mel!

Um homem ciumento
sentindo em seu peito o fermento do ódio,
na beira da estrada calada e sombria
cravou na morena o aço assassino
da lâmina fria.

E o homem ciumento
com a ajuda sinistra de dois companheiros
cortou em pedaços o corpo formoso
da dona dos olhos mais feiticeiros.

Na beira da estrada surgiu uma cruz
banhada no rastro vermelho do sangue jorrado.

E a noite vestiu seu capuz de carvão,
enquanto um soluço correu pelo céu
e o próprio riacho tornou-se calado.

E o povo da vila
plantou no caminho
uma cruz de carinho...

E a boca sem dentes da sepultura
sorriu na floração de milagres.
E de todos os pontos os homens vieram correndo
prostrar-se de joelhos,
implorando uma graça à Cruz do Caminho.

Onde o sangue embebeu a terra
cresceu uma palmeira de talhe sinuoso,
de braços ciciantes e olhar amoroso.

Depois, as quatro paredes branquinhas de cal
guardaram as preces de todos os devotos.
E na cruz de Ana Rosa, a cidade inteira
rezou uma prece.

E a palmeira sinuosa
conta a história de dores da bela Ana Rosa,
a morena trigueira
de lábios de mel e faces de rosas...

Botucatu, 1939

Quadro

Manhã de sol. Céu de anil.
Vibra a vida em alegria
na grande festa primaveril.

Das flores todas em bizzarria,
numa atitude bem feminil,
fluem perfumes em melodias!

No ar sonoro e de cristal
andeja uma canção sem igual.

E pela campina, colhendo flores,
você passa espargindo amores!

Botucatu, 1º de maio de 1939

De muito longe

De muito longe vieste, e eu bem suponho,
no louco anseio de minha fantasia,
que procedes dos pícaros do sonho!

Trazes-me nos olhos luz que me inebria,
que anima a vida e a minha alma embala
no cálido compasso da Harmonia.

Num dia claro, na manhã de gala,
paraste arfante à beira do caminho
e de leve bateste à minha porta!

Pela primeira vez não me senti sozinho!

Botucatu, 1939

Novena

Na tarde de ouro e luz amena
sorrindo sobes rumo à novena.

No ar parado, risonho e vago
andejam perfumes num doce afago.

Os sinos dobram na velha Igreja.
Uma prece eu rezo. Bendita sejas!

Devota ajoelhas. Terço na mão
desfias contrita numa oração.

Ave-Maria Gratia plena
canta o coro nessa novena.

Regina coelis. Mater Puríssima.
Maria Virgem. Virgem Santíssima.

De joelhos fazes Sinal da Cruz
na oração ao bom Jesus.

Na noite quieta, linda e serena,
saem os fiéis dessa novena.

Então minh'alma reza contrita
a ti uma prece. Prece bendita!

E em cada estrela rezo uma prece.
Prece tão linda que não se esquece.

Prece suave que brota d'alma
e vaga a sós na noite calma.

Em toda a tarde, suave e amena
pareço vê-la ir à novena.

Botucatu, 1937

Canção entre parêntesis

No suave encanto da manhã de sol
você surgiu tão de repente,
cabelos soltos,
trajes caseiros,
que eu fiquei abobalhado.

(Havia em você uma beleza sem igual
e uma oração de amor nos olhos seus brejeiros).

Cantavam os pássaros!
E no céu, o sol sorria o seu sorriso
de amante bonachão.
Mas, nós nada disso percebemos...

A vida é curta para quem ama...
(e havia nos seus lábios um ritmo de canção...)

A brisa acariciou de leve os seus cabelos
com tal meiguice,
que sobre sua cabeça parecia haver
a estranha chuva de fios dourados.

(E eu, ciumento, invejei a brisa.
Mas havia um sorriso em seu olhar...)

As flores palestravam pela boca das carolas.
Havia no ar a fala dos perfumes
e em tudo latejava o sublime
encantamento das coisas belas.

E eu provei ansioso o seu beijo,
sorvendo o veneno que havia nos seus lábios!

Hoje o sol conta a todos
a história do amor que nos uniu
(mas por certo não fala do ciúme que senti!).

Botucatu, maio de 1939

Toada da minha terra

A *Pedro Chiaradia*

Cidade do alto da serra que meu amor todo encerra.
 Cidade trabalhadora da Vila dos Lavradores.
 E o bairro inteirinho zumbe... estruge... e ruge... e zanga...
 e ronca... batendo o compasso nos trilhos de aço ao
 calor do mormaço.
 E as máquinas negras arfam ardentes
 e resmungam... e clamam... e choram fumaça... e cospem
 fuligens pelas bocas disformes...
 Anseio, trabalho, vertigem...
 Cidade milagrosa da Santa Cruz de Ana Rosa.
 Cidade de caridade do Asilo de Mendicidade.
 Cidade de velha capela de São Benedito.
 Cidade de 13 de Maio, que viu nas batucas, entre o pregão de café,
 bolinho e quentão... Perfume intenso de gente cansada e pele tostada.
 Cidade sempre sem mágoa da zona da caixa d'água.
 Cidade que é todo um mistério morando no cemitério.
 Cidade cheia de fé da velha Sé Catedral,
 da Igreja de São Benedito, daquela de São José,
 de Nossa Senhora de Lourdes, da Vila dos Lavradores,
 daquela de Santo Antônio postada no Bairro Alto.
 Cidade que é um sacrário sob o céu de ouro e cobalto.
 Cidade que a tradição ressoa na Praça de João Pessoa.
 E os velhos falam de maneira saudosa de uma velha figueira
 cheia de anos ao cair das tardes cor-de-rosa.
 Cidade ativa e moderna da Rua Amando de Barros.
 Cidade da Biquinha cheinha da gente à tardinha.
 Cidade um tanto esquisita do Bairro da Boa Vista.
 Cidade alegre e vazia de vida estudantina ao lado do jardim velho.
 E cada escola é uma Igreja onde se aprende o Evangelho.
 Cidade recreativa do Bosque do Sossego amigo
 Cidade...
 Cidade de minha saudade,

Cidade de minha paixão,
Cidade do meu coração!

Botucatu, outubro de 1939

Filosofia*

A *Hernani Donato*

I

Desdém e orgulho. Filosofia suprema
de quem não volta atrás na decisão tomada!
Na pira do desdém toda ilusão se crema
e o orgulho transforma o pó do Sonho em Nada!

Bendito o ser que sofre e a própria vida mata
e passa pelo mundo indiferente a tudo,
tendo sempre o Desdém por um amigo mudo
e tendo o Orgulho por um novo Ferinatta.

II

Ter no Orgulho o fulcro da alavanca
que move sempre a rotação da vida
é ter a força que a ilusão estanca
e forja a alma em força desmedida.

O teu Desdém reserva aos que, vencidos,
não sepultaram, da pieguice, a messe.
E se tiverem os membros combalidos
reza ao Orgulho a tua ardente prece!

Botucatu, 1942

* *Jornal Cidade* – Ribeirão Preto, 1942.

Serenidade

Da árvore do sonho, uma folha morta
há de expirar na paz de tua porta!

(Haverá luz na terra, amor nos ninhos,
uma ilusão na névoa dos caminhos.

Na suprema glória, a última vontade
que além morreu na dor de uma saudade.

No desespero de uma causa louca
a reticência de um beijo na boca.

A mágoa esperançosa de um salgueiro
no marulhar sonoro e bem brejeiro

de um rio que vem sozinho e vem de longe
austeridade de um capuz de monge...

Encanto emocional de um véu de gaze
que se acrisola no “sim” de uma frase.

Na sinfonia de tudo que consola
o êxtase de um beijo que se evola.

Na meiguice de tudo que é bonito,
a ânsia eterna do bojo do Infinito).

Enquanto há paz, depressa abre essa porta
e varre da soleira a folha morta!

Botucatu, 1^o de abril de 1941

Capela da roça

A *Cláudio César*, meu irmão e amigo

Capela modesta
dos dias de festa...
Capela singela adornada de fé
com a crença cristã
do estranho caboclo que doma a rechã!

Capela da roça
plantada no chão,
na prece sincera do amor do cristão.

Em torno de ti, na sombra da Cruz,
surgiu a fazenda.
O homem cansado da luta estafante
parou um momento
e olhou-te abismado com os olhos distantes...

Na noite dos tempos
tu foste a luz
guiando o viajor na estrada dos sonhos.

Tu sabes histórias,
histórias diversas,
histórias macabras
que o vento contou em ladridos de dor!
Tu és testemunha de antigos anseios...
Tu és testemunha de casos de amor...
Tu és confidente
de dores alheias e mágoas cruéis
de amores antigos.

O escravo africano
no terço vermelho do sangue jorrado

rezou submisso
a prece de dor
ao chicote feroz do branco feitor!

E os brancos verteram na terra o sangue inocente.
E os negros pintaram de luto
a alma selvagem dos brancos de então.

E a treva da noite sombreou de mistério a face da terra.

E o bojo do céu enfeitou-se de estrelas cadentes.
E os velhos escravos rezaram na Cruz do Cruzeiro.

Capela piedosa
dos santos bondosos.
Capela da roça
pintada de branco
rodeada de árvores,
contando histórias
em pleno sertão...

Botucatu, 1938

Saudade II

Saudade...

Canção de um coração cismando à-toa,
um sonho de mulher que se esboroa,
uma ilusão envolta na garoa.

Uma canção,
um sonho,
uma ilusão
que só magoam!

Botucatu, 1939

Divagação

Na caminhada pelo mundo afora
sorrindo passas, ativa e retraída.
Há no teu riso o refulgir da aurora
e nos teus olhos se acrisola a Vida.

Dizem os outros: “Naquela criatura
se funde, em sonho na era das marquesas;”
tu resumes, num beijo de doçura,
a soberbia natural dos deuses!

Botucatu, março de 1939

Lágrimas e mágoas

Ó rio que vem de longe e para além caminhas,
cantando a cada passo e rindo a todo instante;
talvez tu não saibas que eu tenho mágoas minhas
formando um largo rio profundo e vacilante.

Gargalhas de alegria, ó tu que nunca aninhas
bem dentro de tu'alma a pérola brilhante
da lágrima cruel, Que tristes ladainhas
murmura esta minh'alma, alguém, longe, distante...

Entre os pedroços negros, célere, deslizas,
deixando sobre o leito a branca flor de espuma
como se fosse o sangue cândido das águas...

E no rio de minh'alma, as águas tristes, lisas
que são sonhos de amor envolto pelas brumas
desfazem-se na dor em lágrimas e mágoas.

Botucatu, 1939

Essa...

...Essa que eu imagino
no delirante mormaço de um sonho,
há de ser leve
como a pluma ágil
que se abandona à brisa e dança
ao som da música estranha e peregrina
que vive nas coisas belas.

...Essa que eu desejo para mim,
– há de ser esgalga e carinhosa
sonora como uma harpa divinal e antiga,
executando nas cambiantes veladas de sons etéreos
o poema da própria Vida,
que nessa mulher lateja e se expande rediviva.

...Essa que eu ansioso penso
encontrar na curva do caminho
do Destino que me deu,
há de ter os olhos verdes,
fluidos como duas estrelas de esperança,
riscando o céu de uma estranha luz
que brilha e fulge arrebatada.

...Essa pálida quimera
vestida de ilusões,
há de trazer no corpo a cadência
de todas as melodias
e os suspiros de todos os arroubos.
Da pele de alvorada
há de se evolar o perfume sutil
de tudo o que é puro e que é casto,
porque nisso está a beleza de Mulher!

...Essa que na suprema ventura de um instante

hei de apertar em meus braços de anseios
com carinho tanto e mágica doçura,
há de ter os lábios febris e amorosos,
que após o contato irreal e prolongado
há de entorpecer a alma com a morfina de um beijo!

...Essa que há de ser
mais leve e fluida e diáfana
que uma pluma
será a mulher
que no delirante mormaço de um sonho
arrebatou-me o coração.
Será intangível como o próprio sonho
e como a própria vida.

...Essa pálida quimera
vestida de ilusões,
há de ser aquilo que se quer
e que jamais se teve;
há de ser aquele corpo que um abraço não reteve:
a Felicidade!

Botucatu, junho de 1939

Portuguesa

Em cadências de ardor, alma gêmea da graça,
tu traduzes no gesto a grandeza eternal
dos feitos homéricos, no arrojo de raça
a epopéia brilhante e um amor sideral!

Modelada por Eça, ó estátua carnal,
há, no encanto sem par do teu vulto que passa,
a serena atitude de deusa jovial
e a dolência fagueira que em sonho se enlaça.

Evocação de Inês de Castro, a Sofredora,
de Natércia a inspiradora do poeta,
essa suprema glória do estro lusitano.

Embora sejas santa ou uma pecadora,
floresce na tua alma uma paixão secreta,
no corpo a cadência do verso camoniano.

Botucatu, 8 de março de 1941

OMNIPRESENÇA

Quando desce quieta a tarde pura
asfixiando em luz o sol poente,
eu vejo tua imagem aurifulgente,
em ouro debruada nas Alturas!

Quando a aurora em sonhos enlevada
boceja luz e estremunhando amores,
os lábios abrem e assim santificada,
sorve num beijo a hóstia de candores.

Eu sei de alguém que de leve me murmura,
que estavas queda em sonho abandonada,
e ao ver-te assim julgava ver as flores,
lírio dourado, lírio de candura!

À noite, quando Deus num gesto altivo
marcheta o céu de pálidas estrelas,
convicto eu sei, sublime lenitivo,
que vendo a ti estou também a vê-las.
Quando uma valsa erradia se dispersa
espiralando em sons o próprio ar,
eu ouço na cadência a tua conversa
e nos acordes a harmonia do andar.

Mas o que mais me surpreendeu, na vida,
foi o ter visto, num relance embora,
que a tua imagem era comovida,
a própria imagem da Nossa Senhora!

Botucatu, 20 de outubro de 1939

Ave-Maria

Oh! Ave-Maria!
És prece e alegria!
És doce promessa do Reino dos Céus!
És prece sentida
de uma alma ferida!
És meigo consolo que vence os incréus!

E a gente que erra,
aqui nesta terra,
em Ti é que encontra o fulgor de uma luz!
És prece magoada
de uma alma brotada
e tens a magia que encontra e seduz!

Oh! Divina oração!
És a doce canção
que d'alma se expande com Fé e esplendor!
Oh! Ave-Maria!
Clareia, alumia
o caminho da vida cheio de dor!

Botucatu, 1938

Arcaísmo

Minha vida é uma
sonata interrompida...

Passou por minha vida u'a mulher,
que desfolhou de mansinho,
com seus dedos cor de arminho,
um tristonho malmequer...

E agora,
relembrando os tempos de outrora,
eu sinto no coração
o esmaio de uma ilusão.
Ouço o meigo maldizer de uma saudade que chora!

Botucatu, 1937

Róseas colunas

Pernas que eu vi, assim abandonadas,
como oferenda a toda a natureza,
na exaltação sublime da beleza,
ou no langor das coisas adoradas...
Na tentação de pernas nacaradas,
como visões de Angélica pureza,
a minha alma se prostra terna e tesa
a essas pernas em sonhos encarnadas...

Poema de carne, beijos de carícias,
deixando tudo um ar de coisas santas,
que se mescla em cadências de delícias.

Essas pernas, duas graças que flutuam,
São, no candor de vidas sacrossantas,
Róseas colunas que em sonho se estatuem.

Botucatu, 1939

História encantada

Os homens estranhos
galgaram a serra
e saltaram o planalto
trazendo nos olhos a cor dos abismos,
trazendo nas mãos
as armas mortais
que pareciam boitatás domesticados
de efeito mais triste
que tupã irado acende no céu.

E os homens estranhos trouxeram consigo
um homem bem velho,
um homem tão santo,
de roupa mais suja que a treva da noite,
e cabelos mais brancos que as nuvens dos céus.

E no extenso planalto
o sino tangeu
a Ave-Maria do mundo cristão
no crepúsculo ferido da tarde selvagem.

No corpo de junco do velho Anhembi,
os remos bateram em estalos de dor
como as surdas batidas
de todos tantãs em tempo de guerra;
e as águas do rio rolando tristonhas
verteram sombrias o sangue de espumas.

E as chatas
descendo ligeiras
ouviram mistérios
no seio das matas.

E os homens valentes

varreram a folhagem
vencendo a distância com botas de aragem
mais rápidas que o vôo das aves.

No vasto planalto
um mundo surgiu no milagre da terra.
Do velho colégio só resta a lembrança
dos dobres de sinos.

E hoje,
a serra que explora o infinito, com os olhos esguios,
conta a história encantada
de homens estranhos
de botas andejas,
de chatas pegadas
descendo o Tietê.

Botucatu, 1939

Oferenda

Menina risonha,
que passa e que sonha,
fazendo trejeitos nos lábios sensuais...
menina-criança,
que brinca e que dança,
teus olhos são cheios de coisas fatais.

Cabelos revoltos
tão belos, tão soltos,
são eles um sonho de efeito betal...
No corpo perfeito,
divino, bem-feito,
tu tens a volúpia de estátua carnal!

Menina formosa,
dos lábios de rosa,
aceita esta oferta que faz um cantor...
Aspira o perfume
sutil, que resume,
a flor de minh'alma só feita de amor!

Botucatu, 1937

Botucatu*A Antonio Tílio*

No alto de serra, postada,
sereia de traços de amor
surgiu de um conto de fada
cidade irmã de uma flor!

Adorna-lhe a tez bronzeada
um véu de luz e o palor.
Da lua ebúrnea, encantado
lhe empresta estranho fulgor!

Cidade terna, fremente
visão de amores surgindo
do seio de um luaréu!

Cidade que Deus, contente
plantou na terra, sorrindo
com pensamento no céu!

Botucatu, 1939

Enlevo

No meu jardim havia o que quer que fosse de desmaio
na beatitude cristã do piedoso mês de Maio.

As rosas vermelhas, empoadas,
bebem nas ânforas das pétalas
o vinho branco do luar.
Os lírios esgaldados e platinados,
marqueses naquele reino em floração,
dançando com a brisa um “minuete”,
balouçam o corpo nos braços da ilusão.

E uma voz triste persiste
nos suspiros dos perfumes
diluídos pelo ar!
E um cravo rubro
imponente qual antiste
suspira ali no dossel de numes
ensaiando nos lábios um eco de sorriso,
ensaiando na boca uma sombra de falas!

E a causa dessa mágoa incompreendida
é a carola da rosa ali pendida
que o contempla com promessas no olhar.
O cravo irado blasfema e amaldiçoa
e sua voz, que tão alto soa,
enruga as plantas como o vento o mar!

E a brisa compreendendo essa paixão
pendeu a haste da rosa enternecida
embargando-lhe a voz, arrebatando-lhe o coração!

E quando a lua esplendorosa
olhou a terra com langor,

viu o cravo beijando a rosa
e a rosa sorrindo amor!

|

Botucatu, 1939

Confissão

Estou sempre ao teu lado e até parece incrível
que eu sustenha no peito este vulcão de amor!
No coração eu sinto o soluçar de ardor,
a confissão sincera da paixão terrível!

Amar-te! É um amor violento, irresistível,
que me consome inteiro em lânguido dulçor!
Quero dizer-te sempre o quanto que é visível,
o bem que no meu rosto aflora num rubor...

As palavras que brotam do meu coração
jamais hão de sair, além de minha boca,
porque é somente tua a minha confissão.

Numa estrada de amor, num Calvário de luz,
hás de sentir, também, que o meu amor espouca,
nos sonhos que eu sonhei, nos versos que eu compus!

Botucatu, 15 de outubro de 1939

Lirismo

Em meu jardim modestas belas rosas
sorriem perfumadas, caprichosas,
quando na imensidão do céu flutua,
entre rendas de nuvens, Dona Lua.
E as pétalas inteirinhas se arrepiam
nas mãos dos lírios que as acariciam.
E quando as rosas lindas e sedosas
sentem carícias meigas, amorosas,
de triste amiga, a lua passageira,
um frêmito devora a rosa inteira.
E como a ilusão que se esboroa
as pétalas caem todas... caem à-toa.

E como a rosa, quanta gente existe
que não sabe a ventura em que consiste,
porque, ao sentir uma carícia lenta,
caem as folhas. Qualquer coisa as mata
um doce afago em noite sonolenta,
ou um simples beijo de um luar de prata.

Botucatu, 1938

Exaltação à minha escola**Homenagem à *Escola Normal***

Escola do alto da cidade,
como és sublime nessa tua austeridade!
Nas tuas linhas de contornos definidos
morrem os afagos do zéfiros andarilhos
e nelas mora um passado glorioso que se envolve num halo glorioso!

Escola que em alegrias se expande
e com o passar do tempo mais se torna grande
e que no futuro se projeta e o passado vivifica!
Escola que faz do seu trabalho a oração
E da oração a fé que se santifica!

Na lenta procissão dos teus heróis
rebrilham luzes de estrelas e de sóis!
São os professores que te deram, ó Escola,
o nome que ostentas e a tua glória que te enflora!

Ouve-te ainda num eco
compassado,
acalentado,
machucado,
insistente,
persistente,
plangente,
renitente
a voz de bronze do sino do velho Virgilão.
E como nos rituais das fúnebres evocações,
procede-se à chamada dos que foram para o Além,
mas que permanecem vivos em nossos corações:

Martinho Nogueira,
Joaquim Vieira de Campos,

Rafael Lourindo,
Alfredo Franklin de Matos,
Dília Ribeiro,
Maria Elisa Alces,
Isabrel de Cruz Maffei,
João Ventura Fornos,
José Amaral Wagner,
Decleciano Pontes,
Euclides de Campos...

Presente! Presente! Presente!

Escola dos corredores tão compridos,
onde soluçam segredos incompreendidos
da mocidade que por aqui passou
e em cada canto deixou uma saudade!

Escola das classes claras, reino da alegria,
onde vive a mocidade de minha terra natal
a vida alegre e bela da Normal!

E nas classes, cada carteira
possui o seu segredo guardado trêmulo num cicio de medo...
E a história de um nome que o lápis consagrou,
um coração com duas iniciais,
um pensamento,
a terminação dos verbos em francês,
a fórmula de uma equação
e inteirinha a segunda declinação!

E as carteiras são as termas confidentes
das histórias do passado e dos amores do presente!

Escola, bendita escola,
dá-me tua bênção que eleva e que consola!

Escola Normal de Botucatu!

Escola da minha terra,

Escola da minha vaidade,

Escola de meu orgulho,

Escola de mau coração!

Escola do Alto da Cidade

Como és Sublime nessa tua Austeridade!

Botucatu, 1938

Violetas

Floresceram as violetas. O suave aroma
em frenesi se dilui na etérea coma da brisa
o pólen que fecunda no êxtase do amor
o ar cavalga. Na sinfonia da cor que iriza
a terra, a lua canta uma canção sensual.
Estremecem as flores quando, emocional, o teu vulto,
o porte de deidade, o gesto evanescido,
a forma que sorri no branco do vestido, num culto,
sorrindo passas, como audaz anacoreta,
entre o casto perfume das doces violetas!

Botucatu, 1942

Relembrando

Há tanto tempo tu passaste em meu caminho
Com ares de senhora e gestos de criança...
E nesta vida, como estrela de esperança
o sol do teu amor encheu-me de carinho.

Dá-me a saudade e nem sei como que alinho
em versos tristes toda intérmina lembrança
que me domina a alma em cálida bonança
e pelo ser se espraia em leve borborinho.

Se se pudesse reatar a antiga história
no justo ambicionar de outros ideais,
Na estranha e quase paz dos dias sem serenos.

Sentirás também em sua imensa glória
o coração cantando uma alegria a mais
e nos olhos refletindo um desengano a menos!

Botucatu, 1941

Vem...

Deixa de lado a indecisão que te domina
e vem correndo... vem para alguém que te adora!
Vem consolar um coração que só implora;
sê luz, um raio para esta alma de neblina!

Para nós dois a vida é loura e meiga aurora,
jardim imenso aberto em flor e que em surdina
um sonho vai tecendo em graça feminina,
sonho feliz e belo que de alegre chora!

Não vês que tudo é terno e vibra em harmonia,
que nas coisas mesmo se encontra o verbo amar,
na orquestração perene de uma sinfonia?

A vida é bela porque é feita de doçura!
Deixa de lado a indecisão e vem clarear
a minha vida com teus olhos de ternura!

Botucatu, 8 de agosto de 1939

Olhos

Olhos claros em meiga sonolência,
que em orações se elevam para o céu,
deixem que eu sinta a simples inocência
de dois astros ardendo em luaréu.

Olhos ternos que trazem, sem clemência,
a condição de inconfessado réu,
nesses olhos diviso um mausoléu
para os sonhos de minha adolescência.

Olhos meigos que indicam meu roteiro,
como faróis em noites tempestuosas,
ou com brilhos de estrela redentora!

Olhos lindos que vivem num mosteiro
– confessionário das almas venturosas –
não condenem minha alma sonhadora!

Botucatu, 19 de agosto de 1939

Danúbio azul

Danúbio azul que cantas bem baixinho
uma história de amor enlanguescida
talvez não saibas és o meu carinho
e a paz suave dest'alma enternecida.

Tas no salão imenso, em torvelinho,
borbulhando sons e espumando vida;
e eu de lado, não sentindo o espinho,
colhi na boca a rosa já pendida
dessa mulher a tresloucar amores...
A vida para mim deveria ser
um roseiral de rosas langorosas!

Sublime emprego o viver com flores
sentir num beijo o céu do amor descer
na rosa de uma boca cor-de-rosa.

Botucatu, 24 de outubro de 1939

Caminheiro

Eu sou na vida um simples caminheiro!
Busco o ideal que ao longe se acrisola!
Levo comigo, à lide, o ano inteiro,
restos de luz da minha velha escola.
E quando vejo o meu labor de obreiro,
caio exangue à luta em que se estiola.

Eu sinto em mim um carinhoso alento
e se dissipa o intérmino tormento.

E na beleza de um luar de arminho,
essa mulher passou no meu caminho.

Botucatu, 1938

Rêve d'amour

Eis os versos que eu teci para você,
cantando a vida e exaltando o meu amor.
Há neles o perfume de uma flor,
há neles a existência de um porquê.

Compus cantando, sentindo o meigo odor
da flor, que é um misto de inocência e que
sorrindo desabrocha multicolor,
haurindo o amor que irradia de você!

E, se você os ler, toda pasmada,
dirá que na minh'alma enamorada
desponta nova aurora rosicler.

Em saber que são seus os versos meus,
com tal inspiração o próprio Deus
havia de morrer de amor pela Mulher!

Botucatu, 6 de outubro de 1939

Paulistânia

Os dobres dos sinos
esbatem com raiva no peito da serra
e voltam furiosos
subindo aos céus pela escada dos sons.

No palco diáfano da tarde em suspiros
na confusão de bronze da gente da terra
silhuetas negras de sotainas e batinas
vão rezando no rosário das estrelas.

E na terra,
o resmungo abafado
dos homens orando
tem um estranho sabor
de flores agrestes soltando perfumes.

Sob os olhos de uma cruz,
as casas se animam em cadências de vida.

No lado do mar,
numa ilha distante,
o vento sacode
a cabeleira esperança dos canaviais emplumados,
que sentem carícias das águas azuis...

Em um dia,
os índios da taba se ergueram com fúria
chamando pra guerra!
E as pirogas esguias
deslizam ligeiras nas águas tranqüilas.

Contra a sanha violenta da gente pagã
na areia da praia,

um homem de preto,
velhinho e curvado de tantos albores,
escreve um poema à virgem do céu.

E os índios voltaram tristonhos...
E os tacapes voltaram intactos...
E os tantãs quedaram-se mudos...
E as inúbias perderam a fala...

Depois,
a madrugada cristalina tingiu-se de escuro
e a terra inteirinha cobriu-se de luto;
luto de gente
que vinha de longe
chorando saudade e gemendo tristeza.

E na terra da cruz,
o homem estranho sentiu em seus pés as algemas servis!

E as bandeiras marcaram a epopéia de gente capaz!
e as mulheres paulistas fecharam as portas
aos maridos que perderam a guerra lá nas Gerais!

E nas margens de um rio
o país inteiro
sentiu os albores de uma nova manhã
despontando rosada,
tingindo a terra com a tinta indelével da liberdade almejada.

Passaram-se os anos
e a terra sentiu-se mais rica de glória!

E um dia
ruflaram tambores
e nos clarins clangoraram.

Soldados de todas as idades
passaram marchando ao rumo direto
das linhas de fogo.
O aço das baionetas marcou os homens
defendendo o solo sagrado.
E os soldados levam consigo
a bênção sentida das mães
que ficaram orando
e o último beijo
das noivas que agitaram o lenço fluido da garoa,
a última carícia
aos filhos pequenos...
Foi tal a coragem,
foi tanto o valor
que as nuvens do céu
ficaram vermelhas de cólera
ao saber do desfecho.

Hoje,
a grande cidade escreve com o lápis das chaminés
o poema do progresso e da civilização
na página branca do céu
um poema de orgulho e fé
de que só é capaz
a gente bandeirante.

Botucatu, 1938

Pela estrada

...E, passo a passo, nesta estrada silenciosa,
vamos nós dois felizes e risonhos,
em tudo vendo uma carícia langorosa
que vem alcandorar de amor os nossos sonhos.

Na nossa estrada, que é ridente e bonançosa,
não divisamos o palor de céus tristonhos,
nem nos tememos que essa vida esplendorosa
se transforme em abismos sórdidos, medonhos.

Eu sou feliz e vou cantando em alegria,
tendo ao meu lado o vulto teu, belo e radiante,
que diviniza o amor na graça de um sorriso.

Na minha vida és a deusa que me guia,
um vulto etéreo e alado de mulher amante,
sombra na terra de uma lux do Paraíso!

Botucatu, 3 de outubro de 1939

Cidade da serra**À Prof^ª. Dona *Edith Dias de Oliveira***

O Bandeirante
sentiu no seu corpo a aleluia do sangue
e nos olhos cansados o esplendor do espetáculo,
que a terra morena,
selvagem e inculta
mostrava risonha.

Nas olheiras azuis do horizonte
erguia-se o corpo disforme da serra
deitada de bruços
ouvindo os soluços de todas palmeiras.

E as verdes palmeiras
ergueram pro céu os braços de brisa
e vestiram a serra
com tanga das nuvens.
E a mão das aragens
polvilhou o corpo da serra com o pó das estrelas.

Havia na serra as tribos selvagens,
gente bronzeada
de arcos e flechas,
batendo os tantãs e troando as inúbias.
E as queixadas fugiam velozes
quando ouviam ranger os dentes
dos maracás emplumados em dias de festa.

O Bandeirante subiu pela serra
e sentiu-se pertinho do céu;
no cenário,
uma casa surgiu no seio da mata.

Nasceram mais casas,
aqui e acolá,
enquanto os selvagens partiam pra longe.

Surgiram as ruas cheinhas de casas.
Um dia os pássaros calaram de susto
ao ouvir os repiques de bronze
correndo no espaço.

Gente de todos recantos
escalaram a serra e ergueram mais casas.

Os homens de fora espancaram o sertão
com o relho dos trilhos.
E na ponta dos rios,
o sertão fugiu ganindo de dor!

No corpo da serra,
a vida lateja em todos os poros.

Hoje, a cidade do alto da serra
traz na boca de cores
um nome de guerra,
um nome tão lindo,
um nome que soa sonoro: Botucatu.

Botucatu, 1939

Retorno

Sentindo o corpo exausto e a alma cansativa
na peregrinação por terras ignotas,
estranha força me impeliu tão meiga e viva
que em breve retornei por benfazejas rotas!

A cidade é sempre a mesma.
Casas remotas do passado evocam saudades sensitivas.
E a veneranda Igreja, de orações devotas,
é, ainda, a luz das pobres almas aflitivas.

Palmilhei as ruas. Que antigo sentimento
dali não se evolou em terna orquestração
de sussurros, sorrisos, beijos ao relento...

Diante de uma casa desfolhei um bem-me-quer,
na janela agora abandonada o coração,
na saudade divisou um vulto de Mulher!

Botucatu, 1939

Saudade III

Saudade bem que esvoaça,
saudade, dor que se tem!
Saudade de alguém que passa
e vai-se e nunca mais vem...

Saudade, vida em doçura,
saudade, suplício algoz!
Saudade, olhar que amargura
a vida de todos nós...

Saudade destino amigo
de quem, cantando, sonhou...
Imenso caminho antigo
por onde o amor não passou...

Botucatu, 8 de julho de 1941

Teu retrato

Estás tão longe e ao mesmo tempo perto
de quem te ama e loucamente te adora!
Sonho se durmo e sonhando desperto
com restos de noite e luzes de aurora!

No corpo tens o mormaço do deserto
e nos olhos meigos a Ventura mora!
E o teu amor da incompreensão liberto
fez de mim um sonhador que implora.

Dos teus lábios a migalha de um beijo.
Embora não saibas, vives comigo
deixando n'alma o encantador harpejo,
que se evola em cadências de oração...
O teu retrato é um santo deus amigo
no nicho sacro do meu coração!

Botucatu, 20 de outubro de 1939

Interrogações

Ansioso eu esperei e embora nada
eu conseguisse para o meu destino
e a paz desta minh'alma atribulada,
na venturosa e triste voz de um sino
uma quimera eu vi desmoronada,
chorando leve como um peregrino,
como que, ao relembrar a glória já passada,
sentisse o amargor de um desatino!

Vivi a vida num prazer imerso,
sentindo todo o amor acrisolado,
numa ânsia de quem não sabe o que quer!

Agora eu vejo em tudo um ar diverso,
sentindo em mim o fogo do pecado
que se evola de um corpo de Mulher!

Botucatu, 1941

Botucatu*A Euly Coqueiros*

Cidade morena,
tão bela e serena,
tostada de sol;
cidade florida,
tão meiga e querida
de alegre arrebol.

Cidade friorenta
que o manto acalenta
em tempo hibernal...
Tu tens na garoa,
um pranto que voa,
um pranto sensual!

Cidade sorriso,
em ti cristalizo
ardente oração!
Cidade brejeira
tu cabes inteira
no meu coração

Trovas

Violeta cheia de graça
que o nosso amor condensou!
Carícia leve que passa
do aroma que se evolou.

Perfume, sublime fala,
da flor que em silêncio ama.
Suspiro que o peito exala
pensando n'alguma dama.

Felicidade é uma visão esguia
que de suspiros pálida dimana.
Nada mais é que um bem que se irradia
de minh'alma em consumir-se em chamas.

Botucatu, 1939

Exaltação

Menina, um dia
de sol e alegria passaste cantando uma estrofe de graça.
E seu porte pequeno,
vibrante, moreno
relembra da Grécia uma artística taça!

Na boca que arrulha
o riso borbulha
em alegre magia de sons e de cores!
E o riso se alteia
e leve se enleia
e fica vibrando num eco de amores!

Passos! De andar sonoro, emocional e audaz.
Flui harmoniosa e lesta uma beleza sã.
Em cambiantes de sonho e vibração de paz,
reencarnas no gesto uma deusa pagã!

Botucatu, setembro de 1942

Sonata XVI

Sempre será assim, um grande bem!
Dura apenas o tempo de um compasso;
de um compasso que nunca vai além
daquilo que pra nós é tão escasso.

Tudo é pouco em amor! Se vou e passo
pelo caminho, tu vais também.
Passas. Sinto em mim o calor de um braço
e um perfume que decerto vem do além!

Vamos eu e tu. O que importa que eles digam
que nossa vida inteira se resume
numa ilusão supinamente inglória?

Deixemos que eles pelo mundo sigam
e se martirizem sempre no ciúme
de viver mendigando a própria glória...

Botucatu, 7 de julho de 1940

Serenata

Na noite quieta um triste bardo canta,
ferindo apaixonado as cordas e um violão,
uma cantiga meiga que me encanta.

E da janela, nem um leve aceno,
um simples gesto que desse uma ilusão
a quem soluça sob o céu sereno.

E eu que de perto vejo a serenata,
na luz sincera de um luar de prata,

eu digo (ouvindo os rogos do infeliz)
— Chorava Dante aos pés de Beatriz!

Botucatu, 1939

Letargo

Querida, no torvelinho da tarde
o sol incensa o céu de um ouro vivo.
Pelas calçadas passam sem alarde
namorados em êxtase votivo.

Quando desce a noite, dentro em mim, arde
um sentimento estranho e compassivo
que invade a alma e ao coração cativo
imprime a paz cristã de um Deus o guarde.

Tão longe está... Que estranho pensamento
percebo nas coisas que o olhar domina.
E minha alma vibrante, num desejo,
vence logo esse espaço e num momento
injeta nos meus lábios a morfina,
no gozo entorpecente do teu beijo!

Botucatu, 1939

Mutação

Minha alma pedregosa, árida estepe,
imersa num clarão de um sol boêmio,
viveu a vida envolta neste crepe
da descrença, quando do proêmio,

de nova aurora o coração increpe,
louco de raiva, furibundo espreme o
mal que me atormentava e que de estepe
a minha alma, recebendo um prêmio,

em verde campo logo se transforma.
Sentindo em mim a luz incomparável
do teu corpo, na exaltação da Forma,

se dimana como um bem do Universo,
na minha alma simples, a tênue e amorável,
floriu o amor na floração do verso!

Botucatu, 18 de outubro de 1939

Nordestino

*“... Na beira da caatinga, sofrendo os
horrores da seca...”*

Sebastião de Almeida Pinto

A Paulo Gomes Machado

Brônzeo caboclo,
pedaço de vida num inferno de fogo
vivendo uma vida de dor e miséria!
A terra que é tua floresce em flores de fogo, crestando dos teus pés.
E os raios de sol causticam tua pele e cegam teus olhos,
a ti que és o mais anônimo e paciente de todos os mortais...
Resignação personificada na esterilidade da terra.

Resiste com fé a fúria de tudo,
enquanto as forças são fontes de vida,
enquanto os músculos exaltam tua força,
enquanto a seiva vital se esvai do teu corpo calado e tristonho,
com os olhos longínquos num corpo que é toda a esperança da fé abalada.
Marchas no exército famélico dos retirantes
como expressão de derrota.

És a expressão titânica
da luta incessante,
da luta cruenta,
da luta diária,
do homem e a terra,
A vida é um martírio sem tréguas nem fim...

Que vale a tua força
se os rios são correntes de areia
e a terra é um leito de fogo?
Se a caatinga sofre e as plantas levantam no céu
os braços franzinos pedindo por água?

E à noite cismando
ao veres o céu sorrindo à terra
com os olhos brilhantes de mundos estranhos,
pensas num deus
que te fez num lugar pior que o inferno
e onde és o paradigma do homem que sofre,
do homem que crê,
do homem que tomba vencido no leito do rio!

Botucatu, 1937

Viajante

Eterno peregrino, pára! Descansa o teu cajado
e alonga para trás o olhar que tudo alcança;
diviniza além, além das névoas do passado
o canto triunfal, a loa de esperança,
que os povos todos, num crescendo ritmado,
em harmonia glorificam o teu valor e a tua pujança!

Olímpica figura de atleta desponta
na gênese de tempo, e o tempo se projeta
com tal vigor que tua origem se remonta
ao século primeiro e nunca se completa
porque progresso és e a vida teu exemplo aponta!

Em contínuas e alentadas migrações
hemoglobinizas organismos combalidos
tu és seiva circulante das nações,
tu és um símbolo de um arrojo destemido,
tu és a vida de todas as gerações!

Ouve, ó filho de Mercúrio, o eco que se evola
das excursões fenícias, das velas afundadas,
da veneziana estirpe que país das ventarolas
desvendou à Europa admirado!

Que a epopéia de Marco Pólo, um rapazola,
retoma o teu caminho, reata a caminhada,
de novo toma o teu cajado. Avante!
Esse rastro luminoso, de brilhos coruscantes,
que deixa como um pranto pela longa estrada,
é o suor fecundo dos deuses triunfantes!

Confidências

À Isabel

Esse vestido foi confidente
do nosso encontro ao salão imenso,
guardou consigo as juras docemente
de um romance que findou e foi extenso.

E quando lembro que ele
reteve a graça do teu corpo, eu penso
que esse vestido leve, certamente,
num dia de sonho, para o amor propenso,

há de bailar sozinho entusiasmado,
relembrando, talvez, o vosso passado
que da terra para o céu lento se alça!

A glória há de sentir nesse momento,
de sucumbir num augusto sacramento
do espiralar sonoro de uma valsa!

Botucatu, 15 de abril de 1941

Cruz para um irmão

Quatro círios
como se fossem baionetas caladas de luz
marcam tremeluzentes no território da vida
os limites trágicos da morte!

Um morto. Um jovem morto
A morte de um jovem
Paulo morto.
Abismo do infinito!

Parai abelhas vosso labor, eu imploro!
Deixai intactas as flores dos pessegueiros...
Dos pessegueiros que vieram de terras longínquas
– binômio espaço–tempo –
para esplender em vida em terras diferentes...
Calai vossas gargantas, pássaros, eu imploro!
Estacai folhas de todas as árvores, eu imploro!
Suspendei vossos sussurros, brisa, eu imploro!

Silêncio, mundo dos vivos e dos mortos,
mundo sideral!
Silêncio, silêncio, silêncio!

Um artista trabalha.
Olhos aparentemente enxutos.
Lábios aparentemente quietos,
coração aparentemente calmo,
boca aparentemente exangue,
alma aparentemente fria,
Mário,
artista
tira da madeira, lasca por lasca,
fibra por fibra,

uma cruz para seu irmão!

Paulo morto!

Mário artista

transforma sua dor

numa cruz para seu irmão

Silêncio!

Cruz que foi à igreja,

cruz que percorreu a avenida

cruz que se plantou no cemitério!

Cruz branca, branca, branca,

cruz branca como a alma de Paulo,

cruz branca, branca, branca,

imaculada como a dor de Mário.

Um irmão esculpe na madeira branca

a cruz do irmão que não volta mais.

Eu vos peço:

inclinai-vos todos diante dessa cruz.

Duas mãos a fizeram,

mãos de Mário.

Mãos de Mário que fizeram uma cruz para seu irmão!

Mãos de bênçãos!

No tumulto do mundo tragicamente esvaçado pela morte

uma gota de paz estende dois braços de luz.

Cruz do túmulo de Paulo.

Cruz branca, branca, branca.

Cruz que um irmão fez para um irmão que não voltou.

Silêncio!

O luar em água azul*A Luiz Carlos de Moura Campos*

A noite surge! Nos alvoroços da brisa
debruça a lua na folhagem verde e lisa!
Um sonho colorido, a viva fantasia
de beleza mortal num beijo de alegria.
Na relva que se estende, ao junco se enleia,
na paz que se acrisola na renda de uma teia,
em tudo que é cantante, em tudo que é sonoro,
reponha na magia de um lavor canoro,
ao som de uma carícia musicada e louca
que vibra dentro n'alma e se arroja na boca.
O esplendor fluorescente, vivido e pagão
do luar que vem do céu e rola pelo chão.
Em água azul a vida n'alma se insinua
quando se bebe o filtro que destila a lua.

Religião

No tempo augusto de fé e religião,
cheio de almas que rezam com ardor,
há lábios que murmuram na oração
a mágoa bem cruel de extinto amor!

Sente o altar genuflexo e piedoso,
no terço da mão, contrito reza,
alguém que da vida desgostoso
alivia consciência que lhe pesa!

No altar desta vida atribulada,
eu rezo bem baixinho uma oração
que nasce de uma alma torturada!

Desfiando o rosário em minha mão,
em cada conta, orando eu sinto
dentro de mim morrer uma ilusão!

Botucatu, 17 de outubro de 1937

Plagiário*À Norma D'Ávila*

A argila do meu sonho em minhas mãos eu plasmoo
e nesse louco anseio de dar-lhe vida, eu sinto
que o olhar, sombrio e vago, se dilui em pasmo
diante da forma imponderável do meu instinto!

Na embriaguez alucinante do absinto
dou-lhe as linhas do rosto, o profundo sarcasmo
de uns lábios rubros e, num delírio, pinto
todo esse Ser que da arte é o próprio pleonasma!

E quando miro a linda estátua, bem de gente,
e que eu sonhara assim a criação potente,
no arrojo das idéias que eu a julgara minhas,
quedo-me na insônia de um arroubo a constatar
que sou plagiário e nada fiz que só copiar:
porque há na estátua a cópia exata de tuas linhas!

Botucatu, 17 de dezembro de 1941

Implorando

Virgem do céu, minha Nossa Senhora,
redime com bênção est'alma que choral
Sou pecador e, embora me confesse,
trago comigo o gesto que enobrece.
Descrente eu fui! Em nada eu cria
e quando a dor feria alguém, eu ria.
E o meu riso que brotava intermitente
era o riso de tudo, menos de gente.

Que me importam dores alheias
Se, distribuindo dinheiro a mancheias,
comprava as almas nobres, vis, singelas,
e corpo das mulheres belas?
Porém, como um bem que se insinua
na nossa vida, como raio de lua
tece um madrigal de prata
a uma carícia que de manso o desata
do coração e vai cismando à-toa,
à minha alma hoje penitente entoa
um cântico solene de fé apaixonada
à Mulher que do céu desceu em forma de fada.

Era de ouro a tarde, e no poente
o céu, louco amante, ternamente,
esmagou nos lábios da terra enternecida,
o beijo sensual de uma alma ferida.
(Nessa hora, uma estátua escultural divina
passou na minha vida em lânguida surdina.
E eu, boêmio inveterado,
descrente do amor que não estivera enamorado,
ao ver passar, esgalga e bela, a loura criatura,
senti dentro em mim uma onda de doçura.)

Havia no silêncio da nobreza do veludo
e no próprio céu um gesto inteiramente mudo.
Tanta imponência no andar angelical
que a sua passagem extasiou o próprio ar!
A basta cabeleira, rebelde, esvoaçante,
um ar de deusa num gesto de bacante.
Nos olhos claros e profundos
havia a luz estranha de sidéreos mundos.
Dois punhais no coração da gente
não feriam como esses olhos de serpente.
O céu inteiro acrisola-se nesse olhar
e dentro do céu bramiu de amor o mar...

Nossa Senhora, eu vos imploro a compaixão
do amor e da paz no coração.
Eu sou o homem que sofre pelo ente que ama,
eu tenho no peito o calor de uma chama
e na alma a violência que espouca
e que se expande em beijos pela boca.

Ela passou de leve, espiritual, graciosa,
com as faces em fogo e com os lábios de rosa!
Pela minha vida aventureira antiga
passou um frêmito de cantiga.
Gozado muito eu tinha vivido, quase nada,
porque à luz de uma crítica severa,
o bem vem do céu e sou ente da terra,
onde a vida é terrível atormentadora.

Foi essa mulher sublime e redentora
que fez de minha alma triste uma alma canora...
E eu que sou pecador e que ria descrente
hoje não passo de um mísero penitente.

Tende piedade de quem implora
o perdão do céu, minha Nossa Senhora.
Desce sobre mim a vossa bênção
e forjai a minha fé com o fogo da descrença.

Dai paz a quem da Ventura é esmoler
e por penitência dai-me o amor dessa Mulher.

Botucatu, 1939

Nota:

Estes versos constituíam uma obsessão para mim. Escrevi-os e em nada lhes modifiquei a forma ou sentido!

Nascidos espontaneamente, conserva-lhes a naturalidade.

Quanto ao motivo de serem escritos, é bem possível que sua história algum dia venha a lume.

Sonho íntimo

Amei e hei de amar-te eternamente
como se adora um bem que se procura.
E pela vida irei, um penitente,
sabendo que meu mal jamais tem cura.

Sozinho pelo mundo irei descrente,
alimentando esta paixão tão pura;
serei talvez o ideal demente,
buscando luz em triste noite escura.

Não hás de saber o quanto que te amo,
o quanto que te quero e que te adoro,
embora esteja sempre ao lado teu.

Em amizade pensas tu! Não clamo
contra a incompreensão e somente imploro:
sejas a eterna luz de um sonho meu!

Poema III

Leve e sonolenta a noite
desce vagarosa!
Vaga pelo ar, como um açoite,
o perfume de uma rosa
e a cadência esmaecida de um piano
que desata num compasso
a carícia de um som, humano e triste,
e um fugir rápido de um passo,
cujo eco, ao longe, ainda persiste...

E o meigo colorido
que se anima na graça de um vestido,
que resume e esgalga a ligeira sinfonia
de uma despedida fria...

E quando no palco do céu, a lua,
carinhosamente,
num gosto de carícia, alegre e nua,
sem cerimoniosamente
dança a dança mística do sonho,
como o pecado,
que, branco e mudo, cálido e risonho
se tivesse alçado
do vale do abandono ao píncaro do amor
na deliciosa rapidez!
Daquilo que a vida na expressão da cor
e somente uma vez
se acaricia... E foi no lírico momento
do sonoro estalo de um beijo
que no gesto lento
de quem entoa num sorriso um harpejo
que você veio
na doce imagem de um antigo desvaneio.

Como a brisa
que desliza passageira e um cristal de um lago
num suspiro frisa,
você passou, também, num doce afago,
com tanta graça
que nada há mais sublime e lindo
quando, sorrindo,
você graciosa de mansinho passa...

Botucatu, 7 de julho de 1941

Tarde

De mãos postas à tarde reza um salmo
na voz austera desse sino calmo!

Nos distendidos fios, presos aos postes,
as andorinhas vêm pousar contentes,
executando, em mágicos transportes,
a saudação de amor das tardes quentes!

Desmaios coloridos se projetam
na rosada talagarça desta hora
e a cor e a luz em sonho se completam
no emocional rubor de alguém que cora!

Ao longe o bimbalar de um campanário
tem a beleza de um órgão de metal.
Na capela ou na pomposa catedral
o sino risca o eterno itinerário:
a sublime ascensão que leva a Deus
a descida que ruidosa leva à treva,
a condenação de estultos fariseus
e a carinhosa luz que tudo enleva!

Tombam as folhas secas na calçada
como tombam os sonhos de ilusão!
Uma vidraça se abre na sacada
e um piano triste chora de emoção!

Uma velhinha sobe devagar
com os cabelos brancos de velhice!
Toda de preto, austera, vai rezar
a fervorosa prece da meiguice!

Os namorados passam sorridentes
trocando juras, arquitetando anseios:
são eles os felizes penitentes
do calvário dos doces devaneios!

De mãos postas a tarde reza um salmo
na voz austera desse sino calmo!

Melancolia desta hora bem extrema,
saudade augusta de uma nova aurora.
Enquanto a tarde os velhos sonhos crema,
o coração os novos sonhos chora!

Botucatu, 7 de julho de 1941

Cantigas de amigo

A José João Cury

I

— Amigo, de onde vieste?

— Vim de longe, muito longe,
lonjuras imensas vencendo
distâncias longínquas transpondo.

— Vim da confluência tempo-espacial
de poentes e de auroras
de poentes incineradas em pilas telúricas
ressuscitados em auroras de holocausto
em celestiais altares.

— Vim da vida,
da vida que foi minha vida
vida minha de infância minha:
vida-regato, fugindo molemente no bojo ventrudo dos guarus;
vida-papagaio espevitado saracoteando no céu
como um remendo de ilusão trapezoidal na abóbada azulada.

— Vida-arco rodando, pião rodando, bola rodando,
tudo rodando na calçada de lajes grandes e duras,
imóveis,
paradas,
enquanto arco rodando, pião rodando, bola rodando,
tudo rodando, como a própria vida roda-rodando.

— Vida-uniforme de grupo escolar com divisas de cabo na manga da blusa branca
a b c – tabuada do dois – Pedro Álvares Cabral – Descobrimento do Brasil – “Ouviram do Ipiranga às
margens plácidas” – filas que saem – até amanhã professora...

— Vida-diploma de quarto ano, em festa de formatura com família compenetrada...

— Vida-ginasiano: cigarro, leituras, primeiros versos, menino e homem, outros versos, alguns escritores,
faculdades científicas, poesias outra vez e sempre.

— Vida-amargor: doçura, desilusão, delírio, começo e fim das cousas, alfa e ômega, repetição.

— Vida-um: vestido que se afasta, um sorriso que se perde, um vulto que se embaça, um todo que se
some-sumindo.

— Vida-vazio da vida.
 — Vida... simplesmente a vida.
 — Vim por lonjuras tamanhas tangendo sonhos!
 — Vim sonhando esquecendo distâncias.
 — Vim da terra minha confundida na trepidação da terra ancestral, plasma que se é na terra plasmada assim eu me plasmei.

Mas

Por onde vim

— São José do Rio Preto

— Campinas

— São Paulo

— Santa Rosa de Virtelo

quando no reencontro da minha vida

na manhã da vida minha

quando eu sou eu,

eu só,

eu mesmo,

eu me defronto,

eu me vejo,

e sinto,

e penso,

e palpito,

e vivo

eu estou em São Sebastião da Gramma!

Grande é o destino heróico das cidades pequenas

Perdidas,

esquecidas

no emaranhado multicolorido dos mapas sem minúcias,

mas vivendo a vida de saudade

no portulano do coração da gente!

II

— Amigo, por que vieste?

— Vim pra ser

e por ser
 sou
 e serei
 só se é quando divide na multiplicação das almas,
 só se será quando se reparte na adição das amizades.
 E aqui eu sou porque vivo,
 porque subir por mim mesmo as rampas da serra
 e cheguei ao alto depois de vencer a planura.
 Parece fácil chegar-se ao céu quando se sobe veredas íngrimes
 e quando se planta no cimo o pendão da própria vitória.
 — Sentir bafejos de nuvens,
 sentir lampejos de estrelas
 sentir os açoites dos ventos...
 — Vim para me multiplicar nas prodigalidades da escola
 e dividir-me com todos na mesma mesa fraternal.
 Semente eólica
 entumescendo,
 germinando.
 vivendo...
 Eis porque vim.
 No destino da gente há o intermezzo das escolhas.
 Não hífen sentimental nas decisões vindouras, no contraste
 vivido das vivências passadas.
 Vim para ser.
 Pauta do ideal quis ancorar
 debaixo das estrelas
 em terra de amor,
 em praia de sonho...

III

— Amigo, para onde vais?
 — Não sei!
 E quem o sabe?
 Porque

se rumos não tracei,
estradas não pesquisei,
caminhos não perscrutei,
por que saber quereis vós?
Se eu não for, também vós
em pós de mim vós vireis?
Tão dura é a lei da ventura,
tão malsinada uma vida feliz!
E se eu for importa a vós outros
quem sendo vossa é muito minha também?
— Por que me perguntais
por onde vou me arribar?
Só no cuidar em me ir
a soledade me fere.
Agora mesmo me sinto
insulado dentro de vós
acutilado que estou.
Mas se eu for de vós não me despego
e em vosso carinho me encontro
nesse carinho que um dia
floresceu na vida minha
vida que veio de outrora
e que em vós reencontro agora!
— Amigo, se vais, que Deus te acompanhe!
Amigo se ficar que Deus te conserve!

Botucatu, 10 de outubro de 1964

A Wilson Locchi

Batida de sol sobre as ondas calmas no poético esplendor de um sonho antigo,
na esgalga silhueta que se espalma
bem de mansinho pelo rio amigo.

Aquela barca é como todas almas
e na busca insana de um sincero abrigo,
ou de um recanto onde frondosa e calma
para sentir um bem que traz comigo!

Botucatu, 18 de julho de 1940

Páginas soltas

E quando fores velha, quando o luar dos anos
baixar de leve nas dores dos desamparos,
sobre a revolta e bela e loura cabeleira
hás de sentir também a tua dor primeira.

Quando se diluir para sempre essa sadia
beleza nas rugas todas em harmonia,
quando esses olhos meigos se tornarem tristes
de completar misérias de que a vida insiste,
quando tudo isso um dia acontecer
começará pra sempre o nosso padecer
num momento de sonho nesse delírio
que há na conta de um terço e na chama de um círio.

Rezarás por nós dois as mesmas lindas preces
que desabrocham n'alma em abundantes messes.

Quando distanciados no espaço e na saudade,
sentindo a fria dor que fere na piedade,
quando caminhando a esmo e pelos caminhos
não mais tiver ares no doce amor dos ninhos,
ouviremos canções que embalaram os sonhos
e suspiros de mágoas de dias tristonhos!

E quando passarem nos dedos encarquilhados
as contas dos rosários dos tempos passados,
na mesma velha, austera e veneranda igreja
incendiada de luz pelo sol que dardeja
e onde a memória avisa a eterna traição
que os homens e mulheres têm no coração...

E onde num silêncio prolongado e imenso
há de subir ao céu o queixume do incenso.

Resumindo os labores da vida, cansada
na vasta neve, triste e quieta, ajoelhada
talvez num rápido escoar-se de um segundo
recordarás do nosso findo e antigo mundo.

E na agonia da tarde da existência
quando no céu da flor houver uma essência,
tudo parecerá triste sem o gorjeio
dos pássaros, sem o emocionante receio?

Que há na graça estonteante e na carícia austera
de um sorriso de amor, de um rugido de fera?

Nesse ambiente que pouco a pouco se desfaz
em harmonia de vida e em cadências de paz,
surgirá lá bem longe a pequenina estrela
casto beijo de luz que aos poucos revela
na última lágrima simples e luminosa
que o firmamento chorou na noite radiosa
e será assim, amor, a dorida espiral
de um sonho que foi a caminhada para o mal.

Até que os olhos grandes se embacem e a boca
hesite e os lábios deixem uma cadência louca
no desespero de viver sempre sonhando
a mesma vida antiga, o sonho leve e brando!

Botucatu, 16 de julho de 1941

Valsa

Dança criatura, eu te dizia quando
minh'alma ingênua borbotava sons
e sentia um afago alegre e brando
na divinização de instantes bons!

E ias de leve revolteando,
mostrando a graça meiga dos teus dons
e como a borboleta que volteando
se estonteava na confusão de tons!

E nos meneios de teu corpo moço
quanta graça, que intérimo alvoroço,
quando dançavas pálida e descalça...
No gesto etéreo da tua singeleza
eu divisei a emocional beleza
de resumir a vida numa valsa!

Botucatu, 7 de julho de 1940

Mestre**Homenagem aos *Mestres***

Mestre,
fui cego e tu me abriste os olhos.
Eu fui mudo e tu me desataste a língua
e eu fui ímpio e tu me deste a fé.

E graças a ti,
pelos caminhos da vida,
vencendo os escolhos,
pude ser bom, pude ser justo,
pude compreender o que é mau,
o que é belo,
o que é agosto...

Pude ser planta no deserto, ó Mestre,
pude ser flor no espinheiro,
pude ser sol,
ser nebulosa,
ser o firmamento inteiro!
Pude ser homem,
ó Mestre amado!
Pude ser gota de bondade na infinita solidão agreste.
E para ser isso, quantas vezes venci o meu tormento,
exaltando dentro de mim o próprio sofrimento.

Tu deste a semente à terra e a semente se fez árvore,
ganhou forma... esplendeu a vida!
Mas a árvore esqueceu que foi semente
e que um dia a terra lhe fixou as raízes
e um hino de cores nas folhas espalmadas,
a árvore voltou-se para o azul do céu
e compôs-lhe enternecia uma balada.
E a terra que fecundou a semente e prendeu a raiz

recebeu apenas as flores murchas, as folhas secas,
uma esmola, talvez um quase nada.

Mestre,

quantos voltaram para beijar a mão que lhe deu a bênção,
a mão que gizou a letra do alfabeto,
a mão que segurou o lápis e que abriu o livro,
a mão que segurou a outra mão e ensinou a ler e a escrever de modo mais correto?
A mão que um dia levantou-se e depois baixou assim,
devagarinho, falando com ternura:
— Vai meu filho, vai em paz.
Porque as mãos que afagam e que castigam dizem também uma linguagem pura,
destas palavras, quanta amargura,
destas palavras quanta dor dimana...
Quer ter-se perto o objeto amado e manda-se embora o amor que se ama.

E o rebanho, Mestre,

por acaso agradeceu a ovelha que trouxeste ao aprisco?

E a ovelha, por acaso, o teu gesto compreendeu?

Mestre,

nós te deixamos...

porque um mestre jamais deixa os seus alunos.

Mas, antes de aprender a caminhada,

quero me pôr de joelhos,

quero dobrar a cabeça sobre o peito!

Meã culpa, meã culpa, meã máxima culpa!

Quero, ó Mestre, que nos perdoe todos os defeitos,

quero que nos abençoe por toda a vida!

Em nome de todos que se foram sem dizer Adeus!

Em nome de todos que se foram sem dizer obrigado!

Em nome dos que se dispersaram sem voltar para trás.

Em nome de todos, eu peço a Deus:

Deus, tu que és meu Senhor!

Dai ao meu Mestre a paz que ganha do céu.

A paz que é oração, a paz que recupera o amor.

Graça de ser sempre o amigo

de ser sempre o irmão.

E que um dia, Senhor, cansado da labuta,

possa ele descansar o corpo exausto e que as aves (seus alunos)

voltem em revoada e dêem-lhe a bendita ilusão:

no acaso da vida possa ver levantar em radiação de amor uma alvorada!

Adeus, ó Mestre!

Lá fora está à minha espera uma estrada.

Meus olhos estão secos,

mas a minha alma chora!

O infinito me chama.

E eu vou em busca da aurora.

Deserto

Em noites de amargura, em dias de bonança,
calado e solitário arrojo pelo mundo
no caminhar de dores de quem sempre avança
por desertos extensos e abismos profundos...
Fere-me o corpo o sol que avista também cansa,
por toda parte encontro aquilo que redundo
na mentirosa vida: a última esperança
de quem caminha sem saber que o chão é fundo...

A dor macera o corpo e rude desconforta
o viandante que de longe vem num extenuado
sem encontrar jamais o abrigo de uma porta!

Não me lamento nunca, porque tenho certo
que este desejo é qualquer coisa de sagrado
de sozinho vencer a dor desse deserto!

Botucatu, 7 de julho de 1940

Oração à Pátria

No momento divino do silêncio, na hora em que Deus prega sorrindo na mudez das coisas silenciosas e, para a prática da Noite, acende no Altar do Céu os círios das estrelas e a lâmpada da lua; no instante em que a Noite se crucifica na Cruz do Cruzeiro e a Via Láctea parece um Calvário empoirado de luz, num ruflar de asas de ternura, na paz dos sentimentos imperecíveis, a Pátria ouviu a oração ardente, o canto solene da Alma jovem do Brasil!

À Alma jovem falou:

— Ergue-te ó Brasil!

Entoa os acordes do teu passado, para que os homens de hoje se compenetrem da grandeza do teu futuro. Não deixes que o sentimento de brasilidade se esvaia; não permitas que definha o espírito nacional.

Abre teu seio imenso de Pátria fecunda e dá força aos que se sentem combalidos! Dá ânimo aos que se sentem indiferentes, dá fé aos que vivem da descrença. Chegou o instante da exaltação da tua força e da pujança de teus filhos.

Pátria, nascente de um beijo que Deus deu à natureza, és fronde e luz, és lágrimas e sorriso, és paz e alegria, és Glória e és Mulher!

Nascestes ao pé de uma Cruz ouvindo a prece a se evoluar da mataria selvagem que parecia um missal de esperanças. E os pássaros do arvoredo e as ondas do mar executaram a sublime orquestração de um Te-Deum. E os sinos tangeram no crepúsculo ferido da tarde selvagem a Ave-Maria de um mundo cristão.

Quando clangoraste o teu clarim de guerra, quando o som ecoou pela quebrada de todas as montanhas e repercutiu em todos os recôncavos, viste a tua gente, coesa e forte, se levantar de armas na mão na desfilada lenta de todos os heróis:

*“A voz que chama pelos guerreiros
vem dos quatro pontos cardeais:
heróis dos pampas, dos seringueiros,
das minas de ouro, dos cafezais.”*

Ouve o canto morno e solene da Amazônia selvagem e imensa, o palácio encantado dos titãs verdes que se debruçam românticos a namorar as uíaras louras.

Ouve o canto da terra virgem que se abre como um templo e recolhe todas as preces de harmonia do mais boêmio dos cantores: o uirapuru.

Ouve o clamor dos monstros que revolvem a terra em estalos de dor e se contorcem de raiva nas águas do rio lutando com o mar.

Ouve o gemido do caboclo nordestino, que é um pedaço de vida num inferno de fogo.

Ouve o doce cicio dos canaviais emplumados ouvindo cantigas que a brisa de longe veio trazendo.

Ouve o ritmo cansado e indolente dos engenhos que moem e dos pretos que cantam lundus.

Ouve o canto langoroso das palmeiras vaidosas que se agitam com leques de palmas, como se fossem na licenciocidade da campina imensa uieras verdes ou Evas pagãs.

Ouve a voz dolente do teu berço, “a berceuse” morena da Bahia que embalou o Brasil no seu colo de mãe; da Bahia que se enfeita de brincos de ouro e vestidos berrantes e vai pedir uma graça ao Senhor do Bonfim.

Ouve as surdas batidas dos instrumentos que revolvem o solo na busca ansiosa do fulvo metal.

Ouve a serenata que a Guanabara entoia no murmúrio de suas ondas, contempla o exército dos cafezais, metidos em suas fardas verdes de botões vermelhos e galões de florinhas brancas.

Ouve o ruído das fábricas, das polias que zunem, das sereias que gritam, dos motores que arfam, dos teares que zumbem, dos malhos que estalam.

Contempla a canção do progresso que a metrópole imensa escreve na página branca do céu com o lápis da chaminé fumegante.

Ouve a cidade que estruge... e zumbe... e ruga... e zanga... e xinga... e rouca ronca raivosa, batendo o compasso ao calor do mormaço; e as máquinas negras arfam ardentes e resmungam... e chamam... e choram fumaça... e cospem fuligem pelas bocas disformes. Anseio, trabalho, vertigem. Sente nas ressonâncias das gloriosas reminiscências a prece sentida de um homem tão santo de roupa mais suja que a treva da noite e cabelos mais brancos que as penas das garças.

Ouve o ruído das botas andejas e das chatas pejudas descendo o Tietê; enxerga na fronteira da Pátria o gaúcho destemido, o sentinela alerta que galopa, na campina, atrás do garrote que se desgarrou da boiada e traz o animal na ponta do laço flexível do minuano.

Ouve o tropel de guaianazes, gritos de tupinambás, carijós, tamoios, tupiniquins.

Ouve a música bárbara, de borés e tantãs, troar de inúbias e pulsar de maracás, o zunir dos tacapes e o silvar de flechas na Goiás feroz.

Pátria que lateja na música sensual e peregrina do corpo da terra!

Pátria que vive no dedilhar do acorde de um violão langoroso!

Pátria, grande Pátria, ouve a oração de nossa alma e do nosso amor!

O Brasil, terno, fremente,

visão de amores surgindo

do seio de um lumaréu.
Ó Pátria que Deus, contente,
plantou na terra sorrindo
com pensamento no céu!

Botucatu, setembro de 1944